

## OS HOMENS

*De Grato e Bia — o Poder e a Força — diz Hesíodo que «a casa não é longe de Zeus», em prémio da ajuda que lhe deram na luta contra os Titãs. Todos sabem da fuga de Zeus e dos seus muitos casos.*

*(falam Crato e Bia)*

*Crato.* Foi-se embora e anda no meio dos homens. Toma o caminho dos vales e pára nas vinhas ou à beira do mar. Por vezes dirige-se até às portas de uma cidade. Ninguém diria que é Pai e Senhor. Pergunto-me às vezes o que quer, o que procura. Depois de tanto se ter lutado para lhe pôr o mundo nas mãos — os campos, os cumes e as nuvens. Poderia sentar-se cá em cima sem ser incomodado. Não senhor. Anda por aí.

*Bia.* O que tem de estranho? Quem é senhor faz a sua vontade.

*Crato.* Longe do monte e de nós, estás a perceber? E deve-nos a nós, servos seus, o ser senhor. Satisfaça-se por o mundo o temer e lhe orar. O que lhe fazem aqueles mesquinhos homens?

*Bia.* Eles também são parte do mundo, meu caro.

*Crato.* Não sei, há qualquer coisa que já não é como dantes. A nossa mãe disse-o: «Virá como a tempestade, e as estações mudarão». Este filho do Monte que comanda com o aceno, já não é como os velhos senhores — a Noite, a Terra, o velho Céu ou o Caos. Dir-se-ia que o mundo está dividido. Dantes as coisas aconteciam. De todas as coisas chegava o fim, e era um todo que vivia. Agora pelo contrário há uma lei e há uma mente. Ele fez-se imortal e com ele nós, os seus servos. Até os mesquinhos homens pensam em nós; sabem que têm de morrer e contemplam-nos. E até aqui ainda os compreendo, foi por isso que combatemos os Titãs. Mas que ele, o celeste que por cima do Monte nos prometeu estes dons, deixe os cumes e se vá embora satisfazer os seus caprichos a todo o momento e fazer-se homem entre os homens, a mim não me agrada. E a ti, irmã?

*Bia.* Não seria senhor se a lei que ele próprio fez não pudesse interrompê-la. Mas afinal, interrompe-a mesmo?

*Grato.* Não o compreendo, o facto é este. Quando nós nos lançámos sobre os montes, ele sorria como se já tivesse vencido. Combatia com acenos e com palavras curtas. Nunca disse que estava irritado; o seu inimigo estava já por terra e ele ainda sorria. Assim esmagou Titãs e homens. Então agradou-me: não teve piedade. E sorriu assim outra vez: quando pensou dar aos homens a mulher, a Pandora, para os punir do roubo do fogo. Como é possível que agora só procure o prazer com vinhas e cidades?

*Bia.* Talvez a mulher, a Pandora, não seja só uma desgraça. Porque não queres que vá buscar prazer com estas, se foram um dom seu?

*Grato.* Mas tu sabes o que são os homens? Miseráveis coisas que terão de morrer, mais miseráveis que os vermes ou as folhas do outro ano que morreram ignorando-o. Eles pelo contrário sabem-no e dizem-no, e nunca deixam de nos invocar, de nos quererem arrancar um favor ou um olhar, de nos acender fogos, e logo aqueles fogos que roubaram dentro do oco da cana. E com as mulheres, com as oferendas, com os cantos e as belas palavras, obtiveram que nós, os imortais, que algum de nós descesse entre eles, que os olhasse benigno, e tivesse filhos deles. Compreendes o calculismo, a astúcia miserável e descarada? Já te persuades com o que me faz ferver?

*Bia.* Disse-o a mãe, e tu próprio o dizes, que o mundo mudou. Não é de hoje que o Senhor dos montes desce entre os homens. Acaso esqueces que viveu outrora fugitivo numa ilha do mar, e lá morreu e foi sepultado, como então sucedia aos deuses?

*Crato.* Essas coisas são sabidas.

*Bia.* Mas daí não resulta que o seu aceno tenha perdido o valor. Pelo contrário, quem perderam o valor foram os senhores do Caos, os que outrora reinaram sem lei. Primeiro o homem, a fera e também a pedra era deus. Tudo acontecia sem nome e sem lei. Foi necessária a fuga do deus, a grande impiedade do seu degredo entre os homens quando ainda era criança e mamava na cabra, e depois a criação no monte no meio das selvas, das palavras dos homens e das leis dos povos, e a dor, a morte e a saudade, para fazer do filho de Crono o bom Juiz, a Mente mortal e inquieta. Tu julgas que o ajudaste a esmagar os Titãs? Se o disseste tu mesmo: combatia como se já tivesse vencido. A criança renascida tornou-se senhor vivendo entre os homens.

*Grato.* Assim seja. A lei valia a pena. Mas porque insiste em voltar lá agora que é o rei de todos nós?

*Bia.* Irmão, irmão, queres compreender que o mundo, apesar de já não ser divino, justamente por isso é sempre novo e sempre rico, para quem desce do Monte? A palavra do homem, que sabe que sofre e se esforça e possui a terra, a quem a ouve revela maravilhas. Os deuses jovens, que sobrevieram aos senhores do Caos, andam todos na terra entre os homens. E embora um ou outro conserve o amor pelos lugares monteses, pelas grutas, pelos céus selvagens, fazem-no porque agora os homens também chegaram até lá e a sua voz ama violar esses silêncios.

*Crato.* Se passeasse apenas, o filho de Crono. Se ouvisse e castigasse, conforme a lei. Mas como é que ele se induz a gozar e deixar-se gozar, como é que rouba mulheres e filhos àqueles mortais?

*Bia.* Se tu os tivesses conhecido, compreenderias. São pobres vermes mas tudo entre eles é imprevisto e descoberta. Conhece-se a besta, conhece-se o deus, mas ninguém, nem sequer nós, sabemos o fundo daqueles corações. Há mesmo, entre eles, quem se atreva a pôr-se contra o destino. Só vivendo com eles e para eles se prova o sabor do mundo.

*Grato.* Ou das mulheres, das filhas de Pandora, daqueles bichos?

*Bia.* Mulheres ou bichos, é o mesmo. O que julgas que dizes? São o fruto mais rico da vida mortal.

*Crato.* Mas Zeus une-se com elas como bicho ou como deus?

*Bia.* Tolo, une-se com elas como homem. Só isso.

## O MISTÉRIO

*Que os mistérios eleusinos apresentassem aos iniciados um divino modelo de imortalidade nas figuras de Dioniso e Deméter (e Core e Plutão) agrada a todos ouvir. O que agrada menos é ouvir recordar que Deméter é a espiga — o pão — e Dioniso a uva — o vinho. «Tomai e comei...»*

*(falam Dioniso e Deméter)*

*Dioniso.* Estes mortais são mesmo divertidos. Nós sabemos as coisas e eles fazem-nas. Sem eles pergunto a mim mesmo o que seriam os dias. O que seríamos nós Olímpicos. Invocam-nos com as suas vozinhas, e dão-nos nomes.

*Deméter.* Eu existia antes deles, e posso dizer-te que estávamos sozinhos. A terra era selva, serpentes, tartarugas. Éramos a terra, o ar, a água. O que se podia fazer? Foi então que ganhámos o hábito de ser eternos.

*Dioniso.* Isso com os homens não acontece.

*Deméter.* É verdade. Tudo o que eles tocam torna-se tempo. Torna-se acção. Espera e esperança. Até o seu morrer é alguma coisa.

*Dioniso.* Têm um modo de se denominar a si próprios e às coisas e a nós que enriquece a vida. Tal como as vinhas que souberam plantar nestas colinas. Quando levei o sarmento da videira para Elêusis nunca julguei que uns rudes socalcos pedregosos pudessem fazer uma terra tão doce. E assim é com o trigo, assim é com os jardins. Por toda a parte onde não pouparem esforços nem palavras nasce um ritmo, um sentido, um repouso.

*Deméter.* E as histórias que sabem contar de nós? Às vezes pergunto a mim mesma se sou de facto a Gaia, a Rea, a Cibele, a Grande Mãe, que eles me chamam. Sabem dar-nos os nomes que nos revelam a nós próprios, laço, e arrebatam-nos à grave eternidade do destino para nos colorirem nos dias e nas terras onde estamos.

*Dioniso.* Para nós tu és sempre Deó.

*Deméter.* Quem diria que na sua miséria têm tanta riqueza? Para eles eu sou um monte bravo e feroz, sou nuvem e gruta, sou senhora dos leões, das aveias e dos touros, das fortalezas muradas, o berço e a campá, a mãe de Core. Tudo lhes devo a eles.

*Dioniso.* De mim também falam sempre.

*Deméter.* E não deveríamos ajudá-los mais, laço, compensá-los de qualquer modo, estar ao lado deles no breve dia de que desfrutam?

*Dioniso.* Tu deste-lhes as aveias, eu a videira, Deó. Deixemo-los lá. Precisam de ter mais alguma coisa?

*Deméter.* Não sei como, mas o que sai das nossas mãos é sempre ambíguo. E uma acha de dois gumes. O meu Triptólemo por pouco não se deixou degolar pelo hóspede cita a quem levava o cereal. E tu próprio, pelo que oiço dizer, tens feito correr sangue inocente.

*Dioniso.* Não seriam homens, se não fossem tristes. A sua vida também tem de morrer. Toda a riqueza deles é a morte, que os obriga a ser engenhosos, a recordar e a prever. E depois não acredites, Deó, que o sangue deles vale mais do que o trigo ou o vinho com que os alimentamos. O sangue é vil, sujo e mesquinho.

*Deméter.* Tu és jovem, laço, e não sabes que foi no sangue que nos descobriram. Tu corres o mundo irrequieto, e a morte para ti é como o vinho que exalta. Mas não pensas que todos os mortais sofreram o que contam de nós. Quantas mães mortais perderam a Core para nunca mais a reaverem! Ainda hoje a homenagem mais rica que sabem fazer-nos é derramar sangue.

*Dioniso.* Mas é uma homenagem, Deó? Tu sabes melhor que eu que matando a vítima eles dantes julgavam que nos matavam a nós.

*Deméter.* E podes não lhes dar razão? É por isso que te digo que nos descobriram no sangue. Se para eles a morte é o fim e o princípio, deviam matar-nos para se verem renascer. São muito infelizes, laço.

*Dioniso.* Achas? A mim parecem-me uns palermas. Ou talvez não. Visto que no fim de contas são mortais, dão um sentido à vida matando-se. Eles, as histórias têm de vivê-las e Morrê-las. Vê o que se passou com Icário...

*Deméter.* Aquela pobre Erígone...

*Dioniso.* Sim, mas Icário fez-se matar porque quis. Talvez tenha pensado que o seu sangue era vinho. Ele vindimava, pisava a uva e trasfegava o vinho como um louco. Era a primeira vez que numa eira viam espumar o mosto. Com ele espargiram as sebes, os muros, as enxadas. A própria Erígone nele imergiu as mãos. Depois porque é que este velho aparvalhado vai pêlos campos, junto dos pastores, para os fazer beber? Estes, bêbedos, envenenados, enfurecidos, despedaçaram-no como um bode e depois sepultaram-no para que fosse mais vinho. Ele sabia-o e foi ele a querê-lo. Devia espantar-se a filha, que tinha saboreado aquele vinho? Ela também o sabia. Que mais podia fazer, para acabar esta história, senão enforcar-se ao sol como um cacho de uvas? Não tem nada de triste. Os mortais contam as histórias com sangue.

*Deméter.* E isso parece-te digno de nós? Alguma vez te perguntaste o que seríamos nós sem eles, sabes que um dia eles poderão fartar-se de nós deuses. Vês então que o sangue, esse sangue mesquinho, afinal te importa?

*Dioniso.* Mas o que queres que possamos dar-lhes. De qualquer coisa que seja, hão-de fazer sempre sangue.

*Deméter.* Há um único modo, e tu sabes qual é.

*Dioniso.* Diz lá.

*Deméter.* Dar um sentido àquele seu morrer.

*Dioniso.* O que dizes?

*Deméter.* Ensinar-lhes a vida bem-aventurada.

*Dioniso.* Mas é um tentar o destino, Deó. Eles são mortais.

*Deméter.* Ouve-me bem. Há-de chegar o dia em que eles tratarão do assunto sozinhos. E fá-lo-ão sem nós, com um conto. Falarão dos homens que venceram a morte. A um ou outro deles, já o puseram no céu, há sempre algum a descer ao inferno de seis em seis meses. Um deles combateu com a morte e arrebatou-lhe uma criatura... Compreende-me, laço. Fá-lo-ão sozinhos. E nós tornaremos a ser o que fomos: ar, água, e terra.

*Dioniso.* Lá por isso, não irão viver mais.

*Deméter.* Rapaz tolo, o que julgas? Mas morrer terá um sentido. Morrerão para também renascerem, e já não precisarão mais de nós.

*Dioniso.* O que queres fazer, Deó?

*Deméter.* Ensinar-lhe que nos poderão igualar para além da dor e da morte. Mas sermos nós a dizer-lho. Tal como o trigo e a videira descem ao Hades para nascer, assim quero ensinar-lhes que para eles também a morte é nova. Dar-lhes este conto. Conduzi-los por este conto. Ensinar-lhes um destino que se entrelace com o nosso.

*Dioniso.* Vão morrer na mesma.

*Deméter.* Morrerão e vencerão a morte. Verão algo para além do sangue, ver-nos-ão a nós os dois. Já não vão temer a morte e não precisarão mais de a aplacar derramando outro sangue.

*Dioniso.* Pode-se fazê-lo, Deó, pode-se fazê-lo. Será o conto da vida eterna. Quase os invejo. Não conhecerão o destino e serão imortais. Mas não esperes que se estanque o sangue.

*Deméter.* Só pensarão no eterno. Quando muito, existe o perigo de descurarem estes ricos campos.

*Dioniso.* Por enquanto. Mas uma vez que o trigo e a vinha cheguem a ter o sentido da vida eterna, sabes o que é que irão ver os homens no pão e no vinho? Carne e sangue, como agora, como sempre. E carne e sangue jorrarão, já não para aplacar a morte, mas para alcançar o eterno que os espera.

*Deméter.* Dir-se-ia que vês o futuro. Como podes dizer isso?

*Dioniso.* Basta ter visto o passado, Deó. Acredita em mim. Mas aprovo-te. Nunca passará de um conto.

## **O DILÚVIO**

*O dilúvio grego também foi o castigo de um género humano que havia perdido o respeito pelos deuses. Sabe-se que a terra foi depois repovoada lançando certas pedras.*

*(falam um sátiro e uma Amadriada)*

*Amadriada.* Pergunto-me o que dirão desta água os mortais.

*Sátiro.* O que sabem eles? Apanham-na. Um ou outro se calhar até espera uma colheita melhor.

*Amadriada.* A esta hora a cheia dos rios já começou a desenraizar as plantas. Agora chove sobre a água por toda a parte.

*Sátiro.* Estão abrigados nas cavernas e nos tugúrios dos montes. Ouvem chover. Pensam nos dos vales que combatem a água, e iludem-se.

*Amadriada.* Enquanto a noite durar, iludem-se. Mas amanhã, à luz medonha, quando virem só um mar até ao céu, e as montanhas diminuídas, não voltarão a entrar nas cavernas. Ficarão a olhar. Enfiarão um saco na cabeça e ficarão a olhar.

*Sátiro.* Tu confunde-os com os bichos selvagens. Nenhum mortal é capaz de compreender que morre e olhar a morte. Precisa de correr, de pensar, de dizer. De falar aos que ficam.

*Amadriada.* Mas desta vez não fica ninguém. Então o que farão?

*Sátiro.* Agora é que eu quero vê-los. Quando souberem que estão todos condenados, todos eles, vão pôr-se a fazer festa, verás. Se calhar virão mesmo buscar-nos.

*Amadriada.* Oh, o que temos nós a ver com isso?

*Sátiro.* Temos sim. Somos a festa, somos vida para eles. Vão procurar a vida connosco até ao último.

*Amadriada.* Não compreendo que vida possamos dar-lhes. Nem sequer sabemos morrer. Tudo o que sabemos é olhar. Olhar e saber. Mas tu dizes que eles não olham nem sabem resignar-se. Que mais podem rogar-nos?

*Sátiro.* Muitas coisas, cabrinha. Para eles nós somos como bichos selvagens. Os bichos nascem e morrem como as folhas. A nós entrevêm-nos a desaparecer por entre os ramos e então acreditam que nós não sei que divino — que quando fugimos para nos escondermos somos a vida que perdura no bosque — uma vida como a deles mas perene, mais rica. Virão procurar-nos, digo-te eu. Será a última esperança que terão.

*Amadriada.* Com esta água? E o que irão fazer?

*Sátiro.* Não sabes o que é uma esperança? Vão acreditar que um bosque onde nós também estejamos não poderá ser submerso. Dir-se-ão que não poderão desaparecer todos mas exactamente todos os homens, senão que sentido tem nascer e ter-nos conhecido? Saberão que os grandes, os Olímpicos, os querem mortos, mas que nós tal como eles e tal como os bichos pequenos, afinal somos a vida, a terra, a coisa verdadeira que conta. As suas estações reduzem-se a festas, e nós somos as festas.

*Amadriada.* E cómodo. Para eles, a esperança, para nós o destino. Mas é uma tolice.

*Sátiro.* Não tanto. Alguma coisa haverão de salvar.

*Amadriada.* Sim, mas quem provocou os deuses grandes? Quem fez toda aquela desordem, que até o sol tapou a cara? É a vez deles, parece-me. E bem feito.

*Sátiro.* Vá lá, cabrinha, acredita mesmo nessas coisas? Não penses que, se tivessem realmente violado a vida, bastaria a vida para os castigar, sem necessidade de se meter o Olimpo com o dilúvio? Se alguém violou alguma coisa, acredita, não foram eles.

*Amadriada.* Entretanto calha-lhes a sorte de morrer. Como estarão amanhã quando souberem o que vai acontecer?

*Sátiro.* Ouves a torrente, pequena? Amanhã nós também estaremos debaixo de água. Vais ver das boas, tu que gostas de observar. Ainda bem que não podemos morrer.

*Amadriada.* Às vezes, não sei. Pergunto-me o que seria morrer. Esta é a única coisa que de facto nos falta. Sabemos tudo e não sabemos esta coisa tão simples. Queria experimentar, e depois acordar, bem entendido.

*Sátiro.* Oíçam esta. Mas morrer é isso precisamente — já não sabes que estás morta. E é isto o dilúvio: morrerem tantos que não fique mais ninguém para o saber. Assim acontece que nos virão procurar a nós dizer-nos que os salvemos e quererão ser semelhantes a nós, às plantas, às pedras — às coisas insensíveis que são mero destino. Será nelas que se salvarão. Retirando-se a água, reemergem as pedras e troncos, como dantes. E os mortais não desejam senão este como dantes.

*Amadriada.* Estranha gente. Eles tratam o destino e o devir como se fossem um passado.

*Sátiro.* E isso que quer dizer a esperança. Dar um nome de recordação ao destino.

*Amadriada.* E tu crês que de facto se tornarão troncos ou pedras?

*Sátiro.* Eles sabem efabular, os mortais. Viverão no devir conforme o terror desta noite e de amanhã os fizer fantasiar. Serão bichos selvagens e rochas e plantas. Serão deuses. Ousarão matar os deuses para os verem renascer. Dar-se-ão um passado para fugirem à morte. Não são mais que estas duas coisas — a esperança ou o destino.

*Amadriada.* Sendo assim, não sou capaz de ter compaixão por eles. Deve ser bom fazer-se a si próprio deste modo à sua vontade.

*Sátiro.* E bom, sim. Mas não julgues que sabem que estão a fazer-se à sua vontade. As salvaçãoes mais extraordinárias encontram-nas às cegas, quando já estão agarrados e esmagados pelo destino. Não têm tempo para gozar a sua vontade. Sabem só pagar à sua própria custa. Isto sim.

*Amadriada.* Que ao menos este dilúvio servisse para lhes ensinar o que é o jogo e a festa. O capricho que a nós imortais é imposto pelo destino e que sabemos — porque não aprendem a vivê-lo como um instante eterno na sua miséria? Porque não compreendem que é justamente a sua fraqueza que os torna preciosos?

*Sátiro.* Não se pode ter tudo, pequena. Nós que sabemos, não temos preferências. E eles que vivem instantes imprevistos, únicos, não lhes conhecem o valor. Queriam a nossa eternidade. Assim é o mundo.

*Amadriada.* Amanhã, eles também saberão qualquer coisa. E as pedras e as terras que um dia tornarão à luz não viverão só de esperança ou de angústia. Verás que o mundo novo terá algo de divino nos seus mais fracos mortais.

*Sátiro.* Quisesse-o Deus, cabrinha. Eu também gostava.

## AS MUSAS

*Imenso tema. O autor destas linhas bem sabe que não foi pouco o que ousou ao descobrir um único nome nas nove, ou três vezes três, ou só três, ou mesmo duas. Musas e Cantes. Mas está convicto desta bem como de muitas outras coisas. Neste mundo de que tratamos, as mães são muitas vezes as filhas — e vice-versa. Poder-se-ia até demonstra-lo. E necessário? Preferimos convidar o leitor a gozar o facto de que segundo os Gregos as festas da fantasia e da memória foram quase sempre situadas em montes, aliás em colinas, renovadas à medida que o povo ia descendo para a península.*

*(falam Mnemósine e Hesíodo)*

*Mnemósine.* Para concluir, não estás satisfeito. Hesíodo. Só te digo que, se pensar numa coisa passada, nas épocas já concluídas, parece-me que o estive. Mas nestes dias é diferente. Sinto um aborrecimento das coisas e dos trabalhos como o sente o bêbedo. Então largo tudo e subo até aqui à montanha. Mas quando volto a pensar nisso parece-me de novo que fiquei satisfeito.

*Mnemósine.* Será sempre assim.

*Hesíodo.* Tu que sabes todos os nomes, qual é o nome deste meu estado?

*Mnemósine.* Podes chamá-lo com o meu, ou com o teu nome.

*Hesíodo.* O meu nome de homem, Melete, não é nada. Mas tu como queres ser chamada? De cada vez é diferente a palavra que te invoca. Tu és como uma mãe cujo nome se perde nos anos. Nas casas e pelas veredas donde se entrevê a montanha, fala-se muito de ti. Diz-se que outrora tu estavas em montes mais impérvios, onde há neves, árvores negras e monstros, na Trácia ou na Tessália, e te chamavam a Musa. Outros dizem Calíope ou Clio. Qual é o nome verdadeiro?

*Mnemósine.* De facto sou de lá. E tenho muitos nomes. E outros terei quando voltar a descer... Aglaia, Hegemóne, Faenna, conforme o capricho dos lugares.

*Hesíodo.* Também a ti o mal-estar faz correr mundo? Então não és uma deusa?

*Mnemósine.* Nem o mal-estar nem deusa, meu caro. Hoje apetece-me este monte, o Hélicon, talvez por o frequentares tu. Amo estar onde estão os homens, mas um pouco à parte. Eu não procuro ninguém, e discorro com quem sabe falar.

*Hesíodo.* Ó Melete, eu não sei falar. E parece-me que só sei alguma coisa contigo. Na tua voz e nos teus nomes está o passado, estão todas as épocas que eu recordo.

*Mnemósine.* Na Tessália o meu nome era Mneme.

*Hesíodo.* Há quem fale de ti descrevendo-te velha como a tartaruga, dura e decrépita. Outros fazem-te ninfa imatura, como a flor em botão ou a nuvem...

*Mnemósine.* E tu que dizes?

*Hesíodo.* Não sei. És Calíope e és Mneme. Tens a voz e o olhar imortais. És como uma colina ou um curso de água, a que não se pergunta se são novos ou velhos, porque para eles não há tempo. Existem. Não se sabe mais nada.

*Mnemósine.* Mas tu também existes, querido, e para ti a existência quer dizer mal-estar e insatisfação. Como imaginas que é a vida para nós imortais?

*Hesíodo.* Não a imagino, Melete, venero-a, como posso, com coração puro.

*Mnemósine.* Continua, estou a gostar.

*Hesíodo.* Já disse tudo.

*Mnemósine.* Conheço-vos, a vós homens, falais de boca cerrada.

*Hesíodo.* Não podemos fazer outra coisa, diante dos deuses, senão inclinar-mo-nos.

*Mnemósine.* Deixa lá os deuses. Eu já existia quando não havia deuses. Podes falar à vontade, comigo. Os homens dizem-me tudo. Adora-me até, se quiseres, mas diz-me como imaginas que eu vivo.

*Hesíodo.* Como posso sabê-lo? Nenhuma deusa me dignou com o seu leito.

*Mnemósine.* Tolo, o mundo tem as suas épocas, e esse tempo já acabou.

*Hesíodo.* Eu só conheço o campo que lavrei.

*Mnemósine.* És soberbo, pastor. Tens a soberba do mortal. Mas será teu destino saber outras coisas. Diz-me porque é que quando falas comigo te crês satisfeito.

*Hesíodo.* Aqui posso responder-te. As coisas que tu dizes não têm em si aquele mal-estar do que sucede todos os dias. Tu dás nomes às coisas que as tornam diferentes, inauditas, e contudo queridas e familiares como uma voz que estava há muito calada. Ou como o ver-se de repente num espelho de água, que nos faz dizer «Quem é este homem?»

*Mnemósine.* Meu caro, nunca te aconteceu ver uma planta, uma pedra, um rosto, e sentir a mesma paixão?

*Hesíodo.* Já me aconteceu.

*Mnemósine.* E nunca descobriste o porquê?

*Hesíodo.* É só um instante, Melete. Como posso detê-lo?

*Mnemósine.* Não te perguntaste porque é que um instante, semelhante a tantos outros no passado, deve de repente fazer-te feliz, feliz como um deus? Tu fitavas a oliveira, a oliveira na vereda que percorreste todos os dias durante anos, até que chega o dia em que o mal-estar te

deixa, e tu acaricias o velho tronco com o olhar, como se fosse quase o amigo reencontrado e te dissesse justamente a única palavra que o teu coração esperava. Outras vezes é o olhar de um passante qualquer. Outras vezes a chuva que insiste há dias. Ou o chio estridente de um pássaro. Ou uma nuvem que dirias já ter visto. Por um instante pára o tempo, e aquela coisa banal tu sente-la no coração como se o antes e o depois já não existissem. Nunca te perguntaste o porquê disto?

*Hesíodo.* Tu mesma o dizes. Esse instante transformou a coisa numa lembrança, num modelo.

*Mnemósine.* Não podes pensar uma existência toda feita destes instantes?

*Hesíodo.* Posso pensá-la, sim.

*Mnemósine.* Então sabes como vivo.

*Hesíodo.* Acredito em ti, Melete, porque tu trazes tudo nos olhos. E o nome de Euterpe que muitos te dão já não me pode espantar. Mas os instantes mortais não são uma vida. Se eu quisesse repeti-los perderiam a flor. Volta sempre o mal-estar.

*Mnemósine.* Contudo disseste que esse instante é uma lembrança. E o que é a lembrança senão paixão repetida? Vê bem se me compreendes.

*Hesíodo.* O que queres dizer?

*Mnemósine.* Quero dizer que tu sabes o que é a vida imortal.

*Hesíodo.* Quando falo contigo é-me difícil resistir-te. Tu viste as coisas no início. Tu és a oliveira, o olhar e a nuvem. Dizes um nome, e a coisa é-o para sempre.

*Mnemósine.* Hesíodo, todos os dias te encontro cá em cima. Outros antes de ti encontrei nestes montes, nos rios áridos da Trácia e da Piéria. Tu agradas-me mais do que eles. Tu sabes que as coisas imortais as tendes a dois passos.

*Hesíodo.* Não é difícil sabê-lo. Tocar-lhes é que é difícil.

*Mnemósine.* Tem de se viver para elas, Hesíodo. E isto que quer dizer, o coração puro.

*Hesíodo.* Ouvindo-te falar, é claro. Mas a vida do homem desenrola-se lá em baixo no meio das casas e nos campos. Diante do lume e num leito. E todo o dia que nasce põe à nossa frente o mesmo trabalho e as mesmas faltas. É um mal-estar no fim, Melete. Há um temporal que renova os campos — nem a morte nem as grandes dores desencorajam. Mas a fadiga interminável o esforço para se estar vivos hora a hora, a notícia do mal dos outros, do mal mesquinho, enfadonho como moscas de verão — este é o viver que corta as pernas, Melete.

*Mnemósine.* Eu venho de lugares mais áridos, de desfiladeiros brumosos e inumanos, onde no entanto se descerrou a vida. Entre estas oliveiras e sob o céu vós não conheceis aquela espécie. Nunca ouviste dizer o que é o pântano Boibeide?

*Hesíodo.* Não.

*Mnemósine.* Uma landa nevoenta de lama e de canas, como era no princípio dos tempos, num silêncio borbotante. Gerou monstros e deuses de excremento e de sangue. Hoje ainda os tessálios mal falam dele. Não o alteram nem o tempo nem as estações. Nenhuma voz lá chega.

*Hesíodo.* Mas entretanto falas disso, Melete, e fizeste dele uma espécie divina. A tua voz alcançou-a. Agora é um lugar terrível e sagrado. As oliveiras e o céu de Hélicon não são tudo na vida.

*Mnemósine.* Mas o mal-estar também não, nem o regresso às casas. Compreendes que o homem, todo e qualquer homem, nasce naquele pântano de sangue? E que o sagrado e o divino também vos acompanham a vós, dentro da cama, no campo, diante das chamas? Todo o gesto que fazeis repete um modelo divino. Dia e noite, não tendes um instante, nem sequer o mais fútil, que não brote do silêncio das origens.

*Hesíodo.* Tu falas bem, Melete, e não posso resistir-te. Oxalá bastasse ao menos venerar-te.

*Mnemósine.* Há outro modo, meu caro.

*Hesíodo.* Qual é?

*Mnemósine.* Tenta dizer aos mortais essas coisas que sabes.

## **OS DEUSES**

«O monte está inculto, amigo. Sobre a erva roxa elo último inverno há manchas de neve. Parece o manto elo centauro. Estas alturas são todas assim. Basta uma coisinha de nada, e o campo torna a ser o mesmo de quando estas coisas aconteciam.»

«Pergunto a mim mesmo se é verdade que os viram.»

«Quem pode dizê-lo? Sim, é claro que os viram. Contaram os seus nomes e mais nada — cesta a única diferença entre as/abulas e a verdade. "Era o tal ou o outro ", "Fez isto, disse aquilo ". Quem não é mentiroso, fica satisfeito. Nem sequer suspeita que poderão não acreditar nele. Os intrujões somos nos que nunca vimos essas coisas, e no entanto sabemos de cor e salteado como era apele do centauro ou a cor dos cachos de uvas na eira de Icário.»

«Basta uma colina, um cume, uma costa. Basta haver um lugar solitário e que os teus olhos ao subir por ele param no céu. O perfilar-se das coisas no ar ainda hoje nos impressiona. Eu cá por mim acredito que uma árvore ou um penedo recortados no céu, já lá estão desde o início.»

«Nem sempre existiram essas coisas no alto dos montes.»

«Bem entendido. Primeiro existiram as vozes da terra — as fontes, as raízes, as serpentes. Se o demónio une a terra com o céu, tem de virá luz saindo da escuridão do solo.»

«Não sei. Aquela gente sabia muita coisa. Com um simples nome contavam a nuvem, o bosque, os destinos. Viram certamente o que nós ainda mal sabemos. Não tinham nem tempo nem gosto para se perderem em sonhos. Viram coisas tremendas, incríveis, e nem sequer se espantavam. Sabia-se o que era. Se eles mentiram, então tu, quando dizes "é manha "ou "esta de chuva", também perdeste a cabeça.»

«Disseram nomes, isso sim. As vezes até me pergunto se existiram primeiro as coisas ou esses nomes.»

«Existiram ao mesmo tempo, acredita. E foi aqui, nestas terras incultas e solitárias. É de espantar que viessem cá acima? O que mais podia procurar essa gente senão o encontro com os deuses?»

«Quem pode dizer porque pararam aqui? Mas em fólhos os lugares abandonados fica um vazio, uma espera.»

«Não é possível pensar mais nada caem cima. Estes lugares têm nomes para sempre. Não resta senão erva sob o céu, e no entanto o bafo do vento na lembrança provoca mais fragor do que um temporal dentro do bosque. Não há vazio nem espera. O que tem existido, vive para sempre.»

«Mas estão mortos e enterrados. Agora os lugares são como eram antes deles. Posso conceder-te que o que eles disseram fosse verdade. O que mais resta? Hás-de admitir que já não se encontram deuses pelos caminhos. Quando digo "é manha" ou "esta de chuva", não falo deles.»

«Esta noite já falamos disso. Ontem falavas do verão, e da vontade que sentes de respirar o ar tépido à noite. Outras vezes discorres acerca do homem, de quem esteve contigo, dos teus gostos passados e de encontros inesperados. Tudo coisas que existiram há muito. Cá por mim, garanto-te que te ouvi como oíço ecoarem dentro de mim esses nomes antigos. Quando contas o que sabes, não te respondo "o que resta?" ou se existiram primeiro as palavras ou as coisas. Vivo contigo e sinto-me vivo.»

«Não é fácil viver como se o que acontecia noutros tempos fosse verdadeiro. Quando ontem o nevoeiro nos apanhou no mato e do alto da colina rolou uma ou outra pedra até aos nossos pés, não pensamos nas coisas divinas nem num encontro incrível, mas só na noite e nas lebres fugidias. Quem somos nos e aquilo em que acreditamos só vem à luz perante o mal-estar, na noite arriscada.»

«Desta noite e das lebres será belo falar novamente com os amigos quando estivermos nas casas. Contudo deste medo bem podemos sorrir, ao pensarmos na angústia das gentes de outrora porque tudo em que tocava era mortal. Gentes para quem o ar estava pleno de pavores nocturnos, de arcanas ameaças, de lembranças medonhas. Basta pensares nas intempéries ou nos terremotos. E se este mal-estar foi verdadeiro, como é indiscutível, também foram verdadeiras a coragem, a esperança, a descoberta feliz de promessas de encontros. Eu, no que me toca, não me farto de ouvi-los falar dos seus terrores nocturnos e das coisas em que tiveram esperança.»

«E acreditas nos monstros, nos corpos bestializados, nas pedras vivas, nos sorrisos divinos, nas palavras que aniquilavam?»

«Acredito no que todos os homens esperaram e sofreram. Se outrora subiram a estes cumes pedregosos ou procuraram pântanos mortais sob o céu, foi porque aí encontravam alguma coisa que nos não conhecemos. Não era o pão nem o prazer nem a querida salvação. Estas coisas sabe-se onde estão. Não é aqui. E nós que vivemos longe à beira do mar ou nos campos, essa outra coisa perdemo-la.»

«Di-la então, essa coisa.»

«Tu já sabes. Aqueles seus encontros.»